

## CONCLUSÕES

---

Num dos seus ensaios mais famosos, Sartre (1978) sustentou que a mais longínqua afirmação da liberdade residia na possibilidade de o indivíduo dizer “Não”, isto é, na interrupção de uma metanarrativa de afirmação do *estabelecido* e na instituição de outro âmbito de possibilidades não previstas nos parâmetros do “Sim”, na recusa a uma objetividade ou a uma realidade que se funda na fatalidade de uma certeza linear e supostamente irresistível.

O território, por excelência, do exercício de se dizer “Não”, enquanto direito a se estabelecer dissensos sociais, é a política. É no seu interior que se conformam as tramas do consenso e do dissenso em relação às metas e objetivos sociais, mas também em relação à própria delimitação das fronteiras nas quais essas tramas se desenrolam.

Arendt (1995) sugere o mesmo, quando aponta a política como o espaço da liberdade, o *locus* do dissenso, da possibilidade dos homens não apenas escolherem entre alternativas postas anteriormente a eles, mas de criarem novas alternativas, jamais pensadas antes, ainda que a materialidade histórica da política, em alguns momentos, e em especial no século XX, indique o sentido contrário, como é o caso do pesadelo totalitarista.

Mas, se a luta política é também uma luta pela definição do que seja a política, como afirma Lechner (1986), é admissível que ela traga consigo como possibilidade trágica de desfecho de um determinado conflito, uma fronteirização de si mesma, redutora do campo de possibilidades de propostas de “boa ordem” a serem inventadas e escolhidas no bojo da luta pela hegemonia social.

No mundo contemporâneo, esta possibilidade tem aparecido na maioria dos processos instituintes da territorialização da política, através de atores sociais e políticos dispostos a obstar quaisquer tentativas de ampliação dos mecanismos

de socialização da política, a partir da redução deste espaço ou deslegitimando atores dissidentes, implicando, com isso no aprofundamento da perspectiva de manutenção da assimetria entre governantes e governados, no interior das tramas sociais e políticas. São concepções que alimentam um imaginário, no qual o exercício da política torna-se um atributo de poucos, aptos a exercerem a direção política da sociedade, por uma emanção etérea, seja de alguma divindade ou da própria história, pelo pertencimento a uma determinada raça ou etnia, pela ligação a alguma família com grande poder político, pela detenção de grande quantidade de capital econômico ou posse de conhecimentos e saberes técnicos.

E é a evidência da força com que estas significações se entranharam nas estruturas simbólicas da sociedade, que nos alertaram para a oportunidade do desvendamento dos momentos em que são contestadas, enquanto “naturalidades”, e identificar os atores que portaram esta negação, recompondo os processos que lhes fizeram vir à cena.

No Rio Grande do Norte, desde os primeiros anos da República, até o início do processo conhecido como “abertura política”, o espaço político refletia a descontinuidade histórica de lutas sociais, e de práticas significantes, instituintes de alteridades capazes de se contrapor à tranqüila hegemonia dos grupos oligárquicos locais.

Esta ausência, evidentemente, não indica a inexistência de atores dispostos a introduzirem, na arena política, práticas significantes voltadas para uma territorialização fundada na recuperação do caráter público da esfera pública e do espaço político e na admissão dos mesmos como portadores de significações legítimas, mas, tão-somente a forma marginal ou passageira que caracterizou suas respectivas presenças na história política do RN, como foi o caso das lutas sindicais e políticas, nos anos 30, ou a emergência de Djalma Maranhão, na década de 60.

A década de 1980 viu surgir um novo quadro político: as disputas políticas não tinham como únicos personagens as velhas lideranças oligárquicas de origem

rural, como Dinarte Mariz, ou grupos político-familiares como os Maia, os Alves, os Rosado, etc..., que submetiam todos os demais grupos políticos às suas estratégias e deslegitimavam as poucas e esparsas manifestações de independência política oriundas das classes subalternas.

Pelo contrário, em consonância com todo o processo de reaquecimento das lutas sociais, a nível nacional, no Rio Grande do Norte, atores sociais do campo e da cidade reorganizavam entidades, criavam espaços coletivos que potencializavam a participação política de grupos, comunidades, categorias, etc.. Eram processos com um alcance bem menos expressivo, se comparados àqueles que se desenvolviam no Centro-Sul do país, mas que produziam, ainda que numa escala modesta, um rompimento com o imobilismo e a apatia social reinantes na sociedade civil local.

Estas experiências se estruturavam em códigos de convivência e práticas significantes que se projetavam como negação de outros códigos e práticas hegemônicos no espaço da “grande política” e tinham materialidade nas instituições tradicionais do Estado, como o parlamento e o executivo. Aos olhos dos atores que vivenciavam aquelas novas experiências, sua legitimidade e justeza estava em que pressupunham a maximização da participação dos indivíduos e a valorização do fato de que nasciam e se desenvolviam em espaços mais próximos do dia-a-dia da população.

O PT, que se formou paralelo às estas experiências, herdou, tanto nas suas qualidades, quanto em suas limitações, toda a carga simbólica gestada no interior dos vários espaços de sociabilidade e expressão política, de cada um dos atores sociais que resolveram fundá-lo e construí-lo, constituindo-se como representação partidária daqueles que, de forma mais resoluta, diziam “Não” à conduta hegemônica na política local, de submissão às ações e discurso dos grupos oligárquicos dominantes.

É sintomático disso, a extrema dificuldade do partido construir coligações eleitorais com os partidos que têm uma trajetória de orbitamento em torno das estratégias dos grupos político-familiares locais, inclusive aqueles que se proclamam identificados a um projeto de perfil socialista.

Mas, essa dificuldade não decorre, apenas, de uma prática significativa que invoca o distanciamento absoluto às expressões políticas das oligarquias locais, embora esta tenha um peso importante, e em alguns momentos decisiva. Deve fazer parte do universo explicativo desta conduta, tanto uma perspectiva latente no conjunto da militância petista, de que seria possível o partido conquistar, solitariamente, a hegemonia social e realizar, com isso, mudanças sociais e políticas no estado (e no país), quanto à perspectiva, encampada pelos outros atores políticos de perfil socialista, de que seria possível produzir as mudanças articulando-se aos grupos oligárquicos locais.

O resultado disso é o estabelecimento de um impasse que atinge não somente o PT, como todo o campo de forças identificadas a um projeto socialista, no estado, pois inviabiliza a possibilidade da construção de uma unidade de sentido entre atores com propósitos societários semelhantes e, mais do que isso, impossibilita a consolidação de um campo significativo, articulado aos movimentos sociais locais, que se apresente à sociedade, como alternativa de “boa ordem”.

Nessa perspectiva, as experiências de Frente desenvolvidas entre o PT e os demais partidos de esquerda, e as vitórias obtidas pelos candidatos petistas, a partir das eleições municipais de 1988 e nas eleições estaduais de 1990, demonstraram que a ampliação do espaço político local, com a incorporação dos atores sociais subalternos, e a possibilidade de constituição desta alternativa, somente se configurou quando estes atores se unificaram, enquanto expressão orgânica de um conjunto de significações que rompiam com o dispositivo simbólico que atribuía à inserção na política como uma possibilidade exclusiva das classes dominantes. E

o único partido que processou isto como componente fundamental de sua prática significativa, pondo em risco, inclusive, sua viabilidade eleitoral, foi o PT.

Diante da hegemonia dos grupos político-familiares locais e da relativa in-sipiência de uma cultura de participação política de amplos setores das classes subalternas, especialmente nos municípios interioranos, onde sobrevivem relações de troca e patronagem como intermediadoras à aquisição, pela maioria da população, de bens materiais e simbólicos, esta unificação de atores distintos em torno de uma mesma perspectiva política aparece como única possibilidade de instituição de uma alteridade que reterritorialize o espaço político local e as relações de poder nele instituídos, no sentido da restituição do seu caráter público e democrático.

Mas, essas mudanças exigiriam, também, uma reflexão crítica sobre a resposta que o próprio partido deu, ao longo de toda a década de 1980, no plano de sua organização interna e de seu discurso eleitoral, para a superação dos problemas decorrentes desta configuração da realidade social local.

Um primeiro aspecto dessa reflexão diz respeito à influência, junto aos vários grupos internos, polarizados pelas organizações políticas clandestinas, de uma concepção de revolução em que a instância central de formulação, articulação e ação política era o próprio grupo, esvaziando, assim, o espaço especificamente partidário como possibilidade estratégica de construção de uma hegemonia social para além das chamadas “tendências” internas e tornando o PT mero campo de disputa entre as mesmas. A lógica de funcionamento do partido, centrada nestes grupos, fez com que a construção orgânica dos mesmos se sobrepusesse à construção do partido, o qual aparecia como uma fantasia alegórica sob a qual se escondia grupos com concepções e diretrizes próprias.

Nesse sentido, o processo de mudança do perfil destas tendências, que se iniciou em 1990, quando da autodissolução, em nível nacional, de algumas delas, em consonância com o aprofundamento da discussão, iniciada no 5º. Encontro

Nacional do PT, em 1987, de regulamentação de critérios e parâmetros de condução das mesmas, dentro e fora do partido, possibilitou a constituição de uma maior unidade de ação do partido e a valorização de suas instâncias como espaços de construção de consensos entre perspectivas diferentes.

Outra questão se refere à idéia de que a construção do partido estava associada à inserção dos seus militantes nos movimentos sociais. Esta perspectiva, embora se insira como elemento legitimador das ações e do discurso partidário, implicou, na realidade local, em algumas dificuldades de inserção social do partido, pois, diferentemente das experiências mobilizatórias do Centro-Sul, no RN as poucas lutas sociais e reivindicatórias gestadas se concentravam na capital do estado e se restringiam ao movimento sindical.

De modo que, embora o PT tenha ampliado sua inserção na mesma medida da reativação das lutas do movimento sindical local, no período em foco, a visibilidade social do partido ficou condicionada ou aos momentos eleitorais ou à dinâmica das lutas sindicais, salvo a partir do momento em que elegeu parlamentares para a Câmara Municipal de Natal (1988 e 1992) e Mossoró (1992), e para a Assembléia Legislativa (1990 e 1994), os quais, através de suas ações introduziram disputas com repercussão em todo o estado, tornando o partido visível também nos períodos não eleitorais.

Um dos efeitos perversos disso foi a presença “cartorial” do partido nos municípios do interior – salvo raras exceções, como Mossoró –, pois na maioria desses municípios as lutas sindicais se subordinam à processos iniciados na capital do estado e, em geral, não conseguem visibilidade pública, não criando laços de solidariedade com outros segmentos sociais locais. Assim, se por um lado, a presença do partido nesses municípios era limitada pela pouca inserção do movimento sindical na vida social e política local, por outro, os diretórios municipais não conseguiam elaborar uma estratégia de atuação do partido que o tornasse visível pelo menos em disputas de caráter local, fora dos momentos eleitorais, o que era agravado pela inexistência de representações parlamentares do PT, na esmagadora maioria dos municípios do interior do estado.

A excessiva valorização das lutas reivindicatórias e corporativas se refletiram, também, na incapacidade do PT local inserir, no seu universo discursivo, nas eleições, significações que não aquelas associadas às lutas sindicais, de trabalhadores organizados. Se é verdade que isto tão-somente expressava o compromisso do partido com as experiências que haviam inspirado sua fundação e fornecido os agentes de sua vitalidade; por outro lado, produziu um empobrecimento das suas invocações de sentido, reduzindo-as aos marcos da classe que o partido pretendia representar, e portanto, dificultando sua recepção por outros estratos sociais, o que caracteriza a presença do partido, para utilizarmos uma terminologia de Cerro (1982), numa fase “intra-uterina”.

Sob este prisma cerroniano, um dos dilemas do PT/RN, consistiria, portanto, na superação dessa fase “intra-uterina” para uma outra, “extra-uterina”, na qual, o partido articula um sistema de interpelações direcionado não a um grupo social mas a outros, invocando a fundação de um novo Estado. E uma das condições primárias a que a prática significativa alcance este estatuto está no aprofundamento, no interior do seu projeto societário, da perspectiva de recuperação do caráter público da esfera pública e da política, como pressupostos da construção democrática, o que já é uma das marcas nacionais do PT.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRIPINO não aceita vice imposto. *Diário de Natal*, Natal, 04.abr.1990. p. 3.
- ALVES, Maria Helena M. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ANDRADE, Carlos Alberto Nascimento de. *A Organização política dos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 1974-1984*. Natal, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. *Políticas e poder: os mecanismos de implementação das políticas públicas e o fortalecimento de novas elites políticas no Nordeste - 1979-1985*. Campinas, 1994. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- ANDRADE, Ilza Araújo Leão de, CRUZ, Dalcy da S. *O Despertar do campo. Aspectos da história de lutas do trabalhador rural do Rio Grande do Norte - 1950-1983*. Rio de Janeiro: PIPSA-CPDA-UFRJ, 1989. (mimeo.)
- ARENDT, Hannah. *A Condição humana*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A Dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1995. P. 117-122: Será que a política ainda tem de algum modo um sentido?
- AZEVEDO, Clóvis Bueno. *Leninismo e social-democracia: uma investigação sobre o projeto do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de São Paulo.
- BANCADA DO PT. PT Cresce e o eleitorado aparece. *PT na luta da Constituinte*. Brasília, n. 2, 1987.

- BARREIRA, Irllys A. Firmo. Esse objeto movimentos urbanos: novas e velhas querelas. In: UFRN. Mestrado de Ciências Sociais - *Seminário Nordeste, o que há de novo?*. Natal: Nordeste Gráfica, 1988. P. 107-124.
- BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de Política*. Tradução de Carmem C. Varialle et al. 4. ed., Brasília: UnB, 1992. V. 2.
- BOLETIM NACIONAL. Brasília: PT/Executiva Nacional, n. 41, dez.1988/jan.1989.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- CARDOSO, Fernando H. Partidos Políticos. In: BRANDT, Vinicius C., SINGER, Paul. *São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis: Vozes/CEBRAP, 1981. P. 177-205.
- CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil (1964-1984)*. São Paulo: DIFEL, 1984.
- CERRONI, Umberto. *Teoria do partido político*. São Paulo: Liv. Editora Ciências Humanas, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados. In: DAGNINO, Evelina. *Os Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 19-30.
- CHILCOTE, Ronald H.. *O Partido Comunista Brasileiro: conflitos e integração: 1922-1972*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. Departamento de Estudos Sócio-Econômicos e Políticos. *Suplemento DESEP*. [São Paulo]: DESEP, n. 4, jun. 1988.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Suplemento DESEP*. n. 15, fev.1990.

- COMISSÃO PASTORAL OPERÁRIA, CENTRO DE FORMAÇÃO URBANO RURAL IRMÃ ARAÚJO. *O mundo do trabalho em dados - 1995*. Curitiba: [1995]
- COM impressão digital. *Isto É Senhor*, n. 1025, p. 32, 10.mai.1989.
- CORREIA, Cícero G. *A Emergência de novas práticas sindicais rurais no Rio Grande do Norte*. Natal, 1995. Projeto de qualificação (Mestrado de Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- COSTA, Homero. *A Insurreição comunista de 1935: Natal - o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio; Natal: Cooperativa Cultural, 1995.
- COSTA, J. Bosco Araújo da. *Poder local e participação popular: a experiência de Janduís(RN) 1982/88*. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) - Pontifícia Universidade Católica.
- DAGNINO, Evelina (Org.). *Os anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PT (NATAL). *Sobre a campanha eleitoral do PT em Natal*. Natal, [1981a] (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Informativo*. Natal, [1981b]. (mimeo.)
- DIVERSOS setores aderiram à greve: nenhum incidente. *Diário de Natal*, Natal, 21.ago.1987. p. 5.
- DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. *Camadas médias, movimentos sociais e a "abertura" - a emergência dos movimentos sociais em Natal/RN no pós-64(1979)*. Natal, 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- EXECUTIVA do PT deve pedir expulsão dos assaltantes. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13.abr.1986. p. 5.
- FELIPE, José Lacerda. O censo e a nova geografia do RN. *O Poti - Cidades*, Natal, 15.mar.1992, p. 7.

- FERNANDES, Florestan. *Que tipo de República?* 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FERREIRA, Ângela Lúcia de Araújo. A Produção do espaço urbano em Natal: incorporações. In: UFRN. Mestrado de Ciências Sociais/Câmara de Estudos e Pesquisa em Arquitetura. *Estado e movimentos sociais urbanos - o caso de Natal - Relatório II*. Natal, out. 1991.
- FERREIRA, Brasília C. Trabalhadores no Nordeste: práticas consentidas? In: UFRN. Mestrado de Ciências Sociais. *Seminário Nordeste, o que há de novo?* Natal: Nordeste Gráfica, 1988. P. 303-327.
- \_\_\_\_\_. Trabalhadores e cidadania no Nordeste. In: XIMENES, Tereza (Org.). *Novos paradigmas e realidade brasileira*. Belém: UFPA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 1993. p. 252-66.
- FRENTE POPULAR DO RN. *Documento Político*. Natal, 10.maio.1990. (mimeo.)
- GARRETÓN, Manuel A. Actores sociopolíticos y democratización. *Revista Mexicana de Sociología*, n. 4, p. 5-16, oct./dic., 1985.
- GERMANO, José Willington. *Lendo e Aprendendo: uma campanha de pé no chão*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.
- GIANOTTI, Vito, NETO, Sebastião. *CUT por dentro e por fora*. Rio de Janeiro. Vozes, 1990.
- GÓES, Moacyr de. *De Pé no chão também se aprende a ler (1961-64) - Uma escola democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GREVE geral não passou de ato público. *Diário de Natal*, Natal, 13.dez.1986. p. 5.
- GURGEL, Cláudio. *Estrelas e Borboletas*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.
- INIMIGOS do governo. *Veja*, p. 28-34, 23.jul.1986.

- KECK, Margaret E. *PT - a lógica da diferença*. O Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira. Tradução de Maria Lúcia Montes. São Paulo: Ática, 1991.
- LAMOUNIER, Bolivar, MENEGUELLO, Raquel. *Partidos políticos e consolidação democrática*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LANDI, Oscar. Lenguajes, identidades y ciudadanías. In: LECHNER, Norbert (Org.) *Estado y política en América Latina*. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1983, p. 172-198.
- LAVOISIER deve apoiar a candidatura de José. *Diário de Natal*, Natal, 14.mar.1990a. p. 3.
- LAVOISIER diz que sua afinidade é com Agripino. *Tribuna do Norte*, Natal, 11.mai.1990b. p. 3.
- LAVOISIER enfático: ou vice ou nada. *O Poti*, Natal, 20.mai.1990c. p. 3.
- LAVOISIER só apoia José se puder indicar o vice. *Diário de Natal*, Natal, 31.mar.1990d. p. 3.
- LECHNER, Norbert (Org.). *Estado y política en America Latina*. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1983.
- \_\_\_\_\_. *La Conflictiva y nunca acabada construcción del orden deseado*. Madrid: Siglo Veintiuno de España, 1986.
- LINDOSO, José A. Spinelli. *A Reação da oligarquia potiguar ao modelo centralizador de Vargas: 1930/1935*. Campinas, 1989. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto Faculdade de Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas.
- LOPES JÚNIOR, Edmilson. *O Movimento de lutas dos professores de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte (1979-1989)*. Porto Alegre, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- MARIZ, Marlene da Silva. *A Oligarquia no Rio Grande do Norte*. Natal: Ed. Universitária, 1982. (Cadernos FUNPEC, 1)
- MARTINS, José de Souza. *A Chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MENEGUELLO, Raquel. *PT: a formação de um partido, 1979-1982*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MINEIRO mostra o jogo dos petelhos. *Dois Pontos*, Natal, 2-8.dez.1989. p. 6.
- NOTÍCIAS DO PT. Natal: Diretório Municipal do PT, n. 1, fev./mar. 1987.
- \_\_\_\_\_. Natal: Diretório Municipal do PT, n. 2, maio 1987.
- O'DONNEL, Guilherme, SHMITTER, Philippe C. *Transições do regime autoritário - primeiras conclusões*. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A Metamorfose da arribaçã*. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 27, p. 67-92, jul.1990.
- OLIVEIRA, João Emanuel Evangelista. *Práxis e consciência operária: resistência dos trabalhadores no cotidiano da indústria têxtil no Rio Grande do Norte*. Natal, 1990. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- OS TIROS aquecem o fogo das greves. *Veja*, p. 32-47, 16.nov.1987.
- PAIVA, Irene Alves de. *O Dilema da "arte" de reivindicar*. Natal, 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- PARTIDO DOS TRABALHADORES. Diretório Nacional. *Programa, manifesto, estatuto e discurso da Convenção de 81*. São Paulo, 1986.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Plataforma eleitoral nacional do PT*. São Paulo, 1982. (mimeo.)

- PARTIDO DOS TRABALHADORES(RN). *Manifesto*. Natal, 28.jun.1980. (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Relatório da 1a. reunião da Comissão Executiva do PT/RN*. Natal, 04abr.1981. (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Relatório da reunião do Diretório Estadual do Partido dos Trabalhadores/RN*. Natal, 8-9.jan.1983. (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Texto preparado pelo Grupo de Trabalho encarregado de preparar o Encontro Estadual de 22 e 23 de fevereiro de 1986*. Natal, [1986a].(mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Pré-Convenção Democrática Estadual: deliberações sobre as eleições*. Comissão Provisória Estadual, [1986b]. (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Relatório de Seminário realizado em 17.05.86*. Natal, Comissão Provisória Estadual, [1986c]. (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Teses para o encontro estadual do dia 21 de fevereiro*. Natal, [1987]. (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Diretório Regional. Por onde começar 89?*. Natal, [1988]. (Mimeo.)
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Relatório da reunião do Diretório Regional do RN*. Natal, 13-14.jan.1990a.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Encontro Estadual - relatório*. Natal, 20-22.abr.1990b. (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Balanço eleitoral de 1990*. Natal, [13-14.out.1990c]. (mimeo.)
- \_\_\_\_\_. *Ao povo trabalhador do Rio Grande do Norte. O Poti*, Natal, 21.out.1990d. p. 3.
- \_\_\_\_\_. *Diretório Regional. Anexo II - Pontos para a conjuntura estadual. Relatório da reunião do DR*. Natal, 04.nov.1990e.
- PELA manhã, tudo paralisado. *Diário de Natal*, Natal, 21.ago.1987. p. 5.

- PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. *O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte (1960-1966)*. Recife, 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco.
- PETISTA quer impugnar as eleições em Goiânia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19.nov.1985. p. 11.
- PONT, Raul. *Breve história do PT*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1992.
- PT CRESCE na maré do descrédito. *Correio Braziliense*, Brasília, 10.jan.1988. p. 11.
- PT DECIDE ter candidatos em todos os níveis. *Tribuna do Norte*, Natal, 19.jan.1982. p. 3.
- PT DO RN não apoia assalto. *Diário de Natal*, Natal, 15.abr.1986. p. 3.
- PT É estrela em ascensão nas urnas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17.nov.1985. p. 14.
- PT FOI um fenômeno político eleitoral. *Jornal de Brasília*, Brasília, 17.nov.1985.
- PT INFORMA. Natal: Diretório Municipal do PT, n. 4, out. 1983.
- PT RECORRE ao TRE para anular eleição em Goiânia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17.nov.1985. p. 7.
- RAUL PONT pede respeito. O partido tem força. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18.nov.1985.
- RIO GRANDE DO NORTE. Governo do Estado. *Censo do Funcionalismo Estadual*. Natal: Secretaria da Administração, 1992.
- ROMÃO, Maurício C. (Coord.). *Produto, emprego e distribuição de renda no Rio Grande do Norte*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1987.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

- SARTORI, Giovanni. *Partidos e Sistemas partidários*. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. UnB, 1982.
- SEREJO, Vicente. PT derrota oligarquias, governo e muda o futuro. *Diário de Natal*, Natal, 18.nov.1989. p. 3.
- SILVA, Antonio Ozai. *História das Tendências no Brasil*. 2. Ed. [s.l.]: Do autor, 1987.
- SILVA, Carlos A. Lins da. *Em busca do voto perdido*. Natal: Clima, 1982.
- SILVA, Justina Iva de Araújo. *Estudantes e política - estudo de um movimento (RN - 1960-1969)*. São Paulo: Cortez, 1989.
- SILVA, Paulo R. Palhano. *Novo momento na luta pela terra: quando o patrão sai de cena*. Natal, 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte (1889-1930)*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1990.
- THOMPSON, E. P. *Tradición, revuelta y consciencia de clase*. Barcelona: editorial Crítica, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Formação da classe operária inglesa*. Tradução Denise Bottman-Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. V. 1. (A árvore da liberdade).
- UM VENDAVAL em Brasília. *Veja*, p. 46-47, 12.nov.1986.
- UFRN. Mestrado de Ciências Sociais/Câmara de Estudos e Pesquisa em Arquitetura. *Mapeamento e análise dos conflitos urbanos em Natal - 1976/1986 - relatório preliminar*. Natal: abr. 1987.
- VILAÇA, Marcos V., ALBUQUERQUE, Roberto C. de. *Coronel, coronéis*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1988.